

RELATO MEDIADO: o histórico de colaboração do JA.CA no Brasil

FRANCISCA CAPORALI (JA.CA), **TOBI MAIER** (GALERIAS MUNICIPAIS DE LISBOA /EGEAC) E **MAURA GRIMALDI** (ICNOVA/NOVA FCSH)

A versão impressa desse diálogo baseia-se na fala pública de Francisca Caporali, moderada por Tobi Maier, no âmbito da Conferência Internacional Campos de Colaboração, acrescida de algumas questões colocadas posteriormente por Maura Grimaldi.

MAURA: Gostaria de começar agradecendo à Francisca Caporali por partilhar conosco a trajetória do JA.CA, e também ao Tobi Maier por participar dessa triangulação e trazer suas reflexões a respeito do tema. Para melhor estruturarmos o conteúdo, em um primeiro momento a Francisca traçará o panorama da história e projeto do JA.CA - Centro de Arte de Tecnologia e em seguida iniciamos as perguntas. Antes disso, passo a palavra ao Tobi Maier.

TOBI: Gostaria de dar as boas-vindas à Francisca Caporali. Houve, neste evento¹, várias palestras e apresentações que estão próximas da minha própria pesquisa de doutorado que fiz na Universidade de São Paulo (Brasil). A pesquisa era sobre o histórico de desfiles e procissões organizados por artistas e grupos, como por exemplo “3nós3” e “Viajou sem Passaporte”. Eu morei os últimos sete anos (2012-2018) em São Paulo, onde trabalhei em vários contextos colaborativos em escalas diferentes: desde a 30ª Bienal de São Paulo até a SOLO SHOWS (um espaço de exposições) no centro da cidade. São muitos os paralelos entre as minhas pesquisas e a ideia de colaboração, mas hoje o maior destaque é a Francisca Caporali e o trabalho do JA.CA em Belo Horizonte - Minas Gerais. Deixo a palavra para a Francisca.

FRANCISCA: Obrigada, Tobi, por aceitar essa interlocução. Eu queria agradecer primeiro à Culturgest e à organização do evento - é bem bonito ver o cuidado feminino com a organização. Muito obrigada meninas e a todos os outros participantes. Obrigada também a todos os outros “JA.CAs” que não estão aqui. Eu falo um pouco por eles, mas também trouxe algumas leituras de textos que foram escritos a mais mãos, tentando que não seja uma voz solo sobre uma experiência coletiva.

Nota editora:
Refere-se à Conferência Internacional Campos de Colaboração, ocorrida na Culturgest, em Lisboa, nos dias 19 e 20 de Novembro de 2019.





O JA.CA – Centro de Arte de Tecnologia, hoje, se entende realizando ações em dois eixos. A atividade de “Formação e Educação em Artes” que são realizações de projetos envolvendo a estadia de artistas e profissionais da arte e cultura no espaço que o JA.CA mantém com estrutura de moradia, áreas de convivência, ateliê, biblioteca e laboratórios de marcenaria e serralheria. Promove encontros e ações de colaboração com artistas e estudantes locais e atividades abertas à participação da comunidade do Jardim Canadá e Belo Horizonte, como workshops, falas abertas, apresentações artísticas, intervenções, mutirões, refeições coletivas e mostras de audiovisual, que abordam o reconhecimento do território onde atuamos, os usos e potências do espaço público, do patrimônio imaterial e material, construção de identidade e aproximação a técnicas artísticas, do design e da arquitetura.

O segundo eixo é “Reinvenção para existência – estratégias de gestão” que é a realização de projetos que têm como intuito contribuir com a sustentabilidade da própria iniciativa e de seus processos. Tais projetos se voltam tanto à investigação de técnicas de reaproveitamento de materiais e de processos construtivos economicamente mais viáveis, quanto ao

fortalecimento de uma rede entre outros espaços autônomos e de fomento a um debate crítico sobre as políticas públicas para a continuidade de iniciativas artísticas independentes. Também prevê a idealização de projetos e construções de parcerias com outras instituições. Nos últimos anos: a realização do Programa Educativo, em colaboração com o CCBB e o Bolsa Pampulha².

Digo “hoje entendemo-nos assim”, porque a beleza de participar de um projeto como o JA.CA é que podemos ter poucas certezas e trabalhar com mais dúvidas. Ou seja, hoje entendemos e praticamos um modo que pode ser drasticamente alterado num outro momento.

Em 2010, quando eu e outros dois amigos abrimos os portões do JA.CA, nós entendíamos de uma maneira muito diferente o que praticávamos, e praticávamos outras estratégias. Vou rapidamente relatar o contexto da nossa origem para poder depois avançar alguns anos adiante, quando, já mais maduros, realmente começamos a experimentar métodos de **colaboração**. Os três fundadores do JA.CA fomos: eu, com formação em cinema documentário e arte, o Pedro Mendes, que havia aberto uma galeria ao mesmo tempo que começávamos o projeto, e o Xandro Gontijo, um administrador. O projeto partia de desejos em criar um espaço para experimentar um território específico.

JA.CA vem de Jardim Canadá, um bairro de Nova Lima que foi loteado nos anos 50, mas foi uma espécie de fracasso, pois as casas não eram servidas por água encanada e, no período de chuva, não drenava a água pelo solo denso de minério de ferro. A área permaneceu desocupada até os anos 80, quando começou a ser ocupada por trabalhadores dos condomínios vizinhos³.

FIG. 1: Sede atual do JA.CA – Centro de Arte e Tecnologia no Jardim Canadá, sua equipe e eventos realizados no local. A sede foi construída ao longo de 2016 a partir de contentores. Fotografias pertencentes ao arquivo da instituição.

² Nota da entrevistada:

A Bolsa Pampulha é um programa de residência artística do Museu de Arte da Pampulha em parceria com a Fundação Municipal de Cultura (Belo Horizonte, Brasil).

³ Nota da entrevistada:

O bairro Jardim Canadá é localizado na cidade de Nova Lima, a 20km do centro de Belo Horizonte. O bairro, está em área de proteção ambiental e tem os seus limites bem traçados: uma rodovia federal que leva BH ao RJ, um parque estadual e uma mineradora, a Mina Capão Xavier, da Vale do Rio Doce. Aqui eu faço uma pequena intervenção de um contexto sobre algumas condições com as quais talvez vocês tenham conhecimento. No dia 5 de novembro de 2015, a Barragem do Fundão, da empresa Samarco (Vale + BHP), arrebenta e uma quantidade enorme de lama - que são resíduos do processo de mineração do minério de ferro - passa por diversas comunidades, mata o Rio Doce e chega a sua foz. Hoje Minas Gerais, o estado onde eu vivo, possui mais de 50 barragens que apresentam algum tipo de risco. Três anos depois da primeira tragédia outra barragem cede, a mina do Córrego do Feijão em Brumadinho. Apesar do volume da lama ser 50 vezes menor que a do Fundão (2015), a do Córrego do Feijão matou mais de 270 pessoas, enquanto a de Mariana deixou 19 mortos. Portanto, uma teve um impacto ambiental muito maior que a outra, e a segunda uma maior perda humana. O Jardim Canadá é exatamente o limite entre três municípios: Belo Horizonte, Nova Lima e Brumadinho. O córrego fica exatamente no final do Parque do Rola Moça. Então, para ir ao Córrego do Feijão, a pessoa passa pelo Jardim Canadá, e muitas pessoas que moram ali trabalham nas minas. As mineradoras, que antes ficavam ocultas, e eram um personagem invisível no território, hoje têm uma presença emocional para quem está lá. O Jardim Canadá não corre o risco físico das barragens. A mina Mar Azul, que processa o minério da Capão Xavier tem três barragens condenadas, mas elas estão viradas para o outro lado da montanha, portanto, não há um risco de alagamento, enlameamento, mas nas comunidades vizinhas sim. Fica a dúvida se é realmente uma questão de preocupação humana ou uma estratégia de poder intervir no território que antes era protegido pela comunidade.

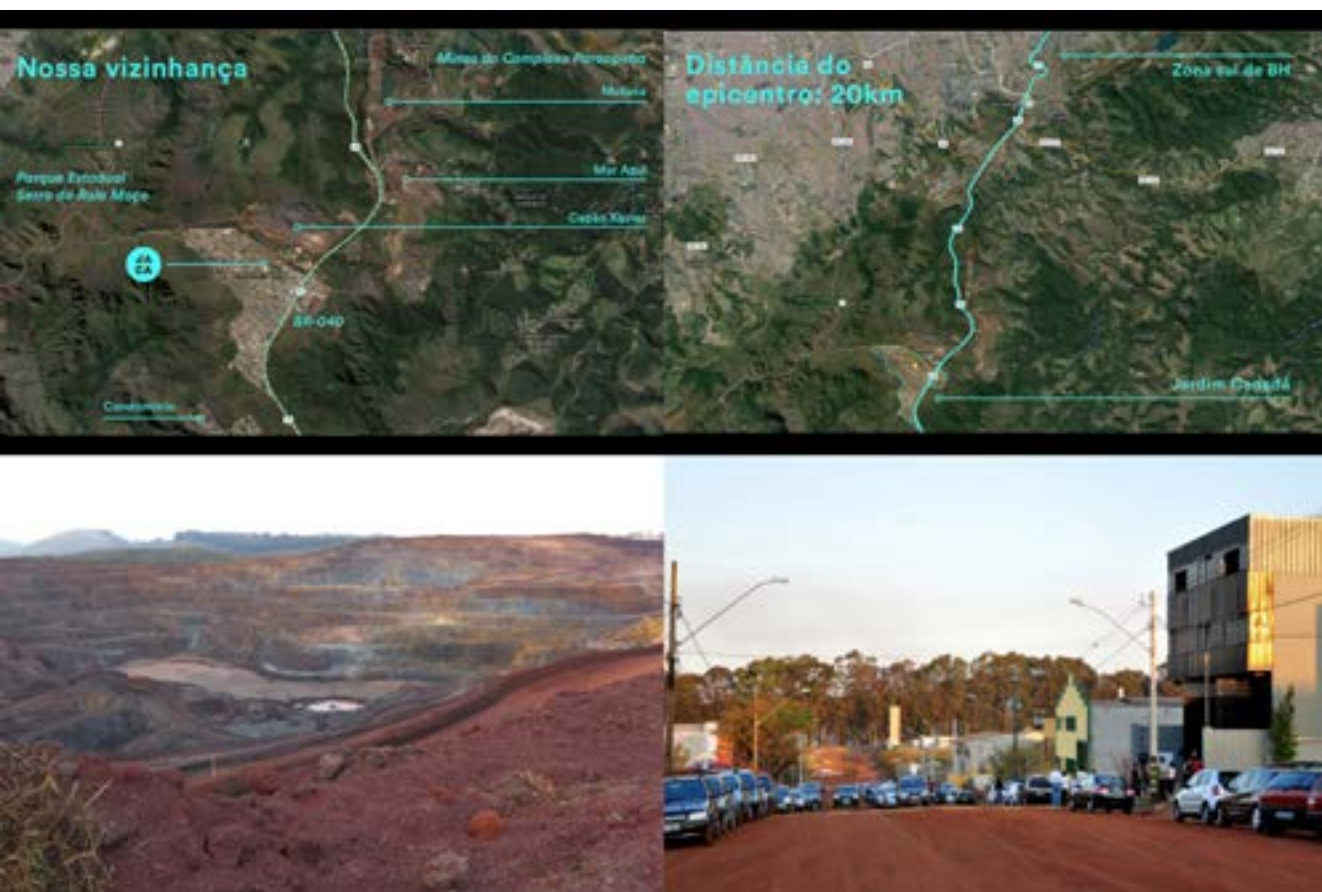


FIG. 2: Contexto urbano e geográfico do bairro Jardim Canadá onde se localiza o JA.CA – Centro de Arte e Tecnologia. Acima mapa da região e abaixo o bairro e seus entornos. Fotografias pertencentes ao arquivo da instituição.

Em 2009, quando eu ainda morava em Nova Iorque, inscrevemos um projeto na *Lei Rouanet*, a Lei Federal de Incentivo à Cultura, e captamos⁴. Em fevereiro de 2010, lançamos a primeira convocatória e em abril recebemos os primeiros artistas locais e internacionais em um bairro que sofria um intenso processo de urbanização. O bairro ainda vivia uma realidade rural, confrontada com as atividades

industriais da mineração. Iniciamos o projeto com uma residência artística, e fomos entendendo muitas coisas do bairro: algumas funcionavam ali e outras, não funcionavam. Algumas expectativas frustradas e outras descobertas: imaginávamos convívio com pessoas do bairro, mas a vizinhança onde nos alocamos era extremamente industrial, portanto, não havia trânsito de pessoas, e a noite se tornava em um deserto [...]. Entendemos que a distância do bairro com o centro de Nova Lima implicava em muitas coisas: na rotina do lixo, na quantidade de resíduo seco que ficava jogado pelas pequenas indústrias, na falta de regulação do bairro, para o bem e para o mal, etc...

Em 2011 deparamo-nos com o desafio de cuidar de um espaço, planejar o próximo ano, escrever projeto de captação para o ano seguinte, dinâmicas que são práticas recorrentes de qualquer gestor cultural⁵. Nós [até] tínhamos dinheiro, mas não tínhamos dinheiro para fazer “o lugar acontecer”. Neste ano⁶, através de outras iniciativas um pouco mais antigas que o JA.CA, fui integrada a algumas preciosas redes. Redes de pessoas que passaram a me acompanhar por todos estes anos. Partindo dessa rede nacional, e latino-americana, o espaço foi ganhando alguma vida, e os artistas já mais próximos aos anseios daquela iniciativa avançavam para fora do espaço e davam novos usos a ele.

Em 2012, com uma parceria já estruturada com a Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, decidimos transformar o espaço antes usado como galeria em uma marcenaria. Esse foi o início de uma relação muito bonita com uma geração de estudantes que ajudaram a conformar o JA.CA, e que se formaram por lá também. Alguns estudantes tinham uma rotina diária no espaço e muitos outros participavam de alguns mutirões de experimentação construtivas pelo bairro⁷. O espaço do JA.CA passou a ser mais a rua - quase um aviso do que estaria por vir⁸.

Em 2013, com [a colocação do asfalto] da rua, que foi um processo de oito meses, fomos obrigados a deixar o galpão, por não conseguir chegar a um acordo sobre o valor do aluguel. Encontramos abrigo num imóvel adaptado para acolher uma casa de festa, posteriormente transformado em uma galeria de arte. O espaço [que deixamos] ficou três anos vazio para ser alugado, uma espécie de falsa percepção do progresso - representado pelo asfalto, que [após a sua colocação]

⁴ Conhecida como Lei Rouanet, a Lei Federal de Incentivo à Cultura é a denominação dada à Lei nº 8.313 do dia 23 de dezembro de 1991, sendo um dos principais recursos de apoio financeiro a projetos culturais e artísticos no Brasil.

⁵ Nota da entrevistada:

Nós não dispúnhamos de todos os entendimentos quando começamos o projeto, e, portanto, enquanto nos esforçávamos para executar o primeiro ano do JA.CA, nos embolamos nos envios de projetos ao Ministério [da Cultura] e não conseguimos aprovar em tempo de captar recursos para 2011.

⁶ Nota da entrevistada:

Ao mesmo tempo, este ano passou bem solitário e aqui eu falo na primeira pessoa. Eu me deparava com a rotina do bairro, me aproximando do cotidiano de outras organizações, mas sem verba para movimentar o espaço. Esse ano desacelerado foi um tanto frustrante, mas em retrospecto bastante interessante. Me fez pensar muito sobre o que me havia levado ao bairro, ao retorno a Belo Horizonte, e em como me posicionar no desentendimento geral do que eu era - por eu ser uma profissional que atuava em mais de um papel (artista, produtora e gestora).

⁷ Nota da entrevistada:

O DESE.JACA - Desenvolvimento Sustentável do Jardim Canadá era um projeto de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais, e participou também de algumas disciplinas de urbanismo e construções alternativas, e que nós [JA.CA] oferecemos em parceria com a Universidade. Teve um momento em que tivemos 14 bolsistas da Universidade que tinham uma rotina no JA.CA.

⁸ Nota da entrevistada:

Ao poucos, começamos a saber explicar um pouco mais o que fazíamos e o que queríamos. Os artistas começaram a entender também o bairro através das documentações que elaborávamos. Sempre fomos obrigados a fazer publicações - o processo de residência no Ministério [da Cultura] ia camuflado como uma exposição, porque o produto “residência” não existia, e ainda existe [apenas] de um jeito estranho. Então enviávamos uma proposta de uma exposição que não tinha lugar para acontecer, deixávamos muitas coisas vagas no projeto, e isso nos permitia modificar, reestruturar e realizar outras coisas como queríamos. Mas precisava haver produto, e o produto, além dessa “exposição processual” sempre foi a publicação.

mudaria toda a condição do bairro e que portanto, poderiam quadruplicar o aluguel. Então nós conseguimos mudar para essa outra casa e a novidade deste imóvel era que estávamos todos sempre no mesmo grande ambiente.

O bairro sofria uma transformação tão intensa que parecia se transformar em um bairro qualquer, sem todas as contradições que nos levaram ali. Os artistas se alimentavam dessas questões desenvolvimentistas e intervinham questionando os valores, o uso e ocupação da propriedade⁹. Já com personagens mais recorrentes no JA.CA - que foram surgindo com as parcerias com a Universidade e outras pessoas que foram se aproximando - e o começo de uma estrutura



coletiva que permaneceu por alguns anos, nós iniciamos alguns projetos fora do bairro¹⁰.

Para falar dos anos seguintes, 2014 e 2015, eu vou compartilhar o microfone com outras duas vozes que constituíam o JA.CA naquele momento. Vou ler um texto que realmente foi construído a seis mãos, partindo de uma estrutura e uma escrita crítica e caótica minha, sendo reestruturado pela Joana

Meniconi, uma pessoa que tem uma vida acadêmica e que acrescentou coisas e transpôs para uma escrita mais formal, e finalmente, reeditado pelo Mateus Mesquita, que traz poesia e humor. Esta é uma forma de tê-los aqui comigo¹¹:

2014 - O JA.CA lá e cá

O ano começou com a convocatória internacional para a residência JA.CA Praça 7, projeto desenvolvido em parceria com a Fundação Clóvis Salgado (FCS) que compreendeu o deslocamento da metodologia do programa de residências internacionais do JA.CA para o 3º andar do então chamado Centro de Arte Contemporânea e Fotografia (CACF) [...]. Durante o ano, divididos em três ciclos com dois meses de duração, nove artistas e três críticos/curadores participaram da residência que propunha o território do centro de Belo Horizonte como ponto de partida para o desenvolvimento de projetos artísticos.

Idealizada pelos coordenadores do JA.CA em colaboração com os gestores da FCS, a experiência trouxe grandes expectativas para as duas partes envolvidas. [...] Pela primeira vez, experimentamos uma residência artística que possuiu espaços diferentes de trabalho e moradia [...].

Na prática, a separação dos espaços nos afastou dos momentos mais descontraídos da residência e, com poucas exceções, acabou por impactar nas relações que estabelecemos com os artistas, deixando-as menos afetuosas e espontâneas. Passamos a exercer um papel institucionalizado junto aos residentes, distanciando-nos do cotidiano dos projetos, impedindo-nos de contribuir mais e(a)fetivamente. [...]

Em parceria com o Ateliê Aberto, realizamos o projeto Indie.Gestão, que promoveu a troca de experiências e a convivência entre artistas/gestores. Juntos, chegamos à denominação “espaços intencionais”, que tanto

FIG. 3: Documentação do projeto “Dispositivo Móvel para Ações Compartilhadas”, construção de um equipamento cultural móvel e a realização de projetos colaborativos utilizando-o. 2015-2019. Fotografias pertencentes ao arquivo da instituição.
+info: <https://www.jaca.center/dispositivo-movel/>

⁹ Nota da entrevistada:

A [nossa] marcenaria nos aproximava mais e mais das pessoas do bairro, e era usada como lugar formativo e para pensar intervenções que trouxessem rupturas para as dinâmicas cotidianas do bairro. A marcenaria passou a ser também uma outra fonte de renda do JA.CA. Prestávamos serviços ao público, expografia e mobiliário de exposições, além de pequenos objetos de design.

¹⁰ Nota da entrevistada:

Realizamos residências dentro de outros espaços [e cidades], por exemplo em Salvador na Bahia e em Belém no Pará. Neste momento nos organizamos num tripé bastante sólido e complementar. Nos dividíamos em três coordenações: eu como coordenação artística, Joana Meniconi como coordenadora executiva e Mateus Mesquita como coordenador técnico. Recebíamos o mesmo salário, rateado das diferentes fontes de recursos recebidas. Sempre tivemos um entendimento de um compromisso mensal que partia de um planejamento daquilo que existia. Era sempre um salário baixo, mas contínuo, o que mantinha um compromisso com o lugar mesmo que alternando com outras atividades - eu era professora, o Mateus tinha um bar, a Joana fazia outros projetos de gestão.

¹¹ Nota editora:

Esse texto, no seu formato original, pode ser encontrado no catálogo “5 ½”, lançado em 2016 e que documenta os dois anos anteriores da instituição. Para o contexto dessa conversa, trechos tiveram de ser omitidos a fim de respeitar as exigências técnicas da revista. O catálogo pode ser encontrado, junto a todas as publicações no site do JA.CA <https://www.jaca.center/publi/>

aceita e respeita as diferenças e particularidades de cada iniciativa, quanto referencia a força dos propósitos que as mantêm vivas.

Estas [...] questões se encontraram em um projeto maior: a construção de uma sede própria, no qual aplicamos técnicas de autoconstrução, pesquisas de materiais alternativos e arquitetura sustentável. [...]

2015 - o JA.CA ganha o céu

O projeto de construção da sede nos demandou muita energia. [...]

Ganhamos contêineres, pisos externos, mármore para as áreas molhadas. Recebemos um caminhão com grande parte do nosso jardim, recuperamos uma muda de bananeira descartada do vizinho. Materiais de montagem de exposições serviram como revestimento de todos os ambientes e foram utilizados em nosso mobiliário. Com a diminuição da área coberta, nos desfizemos de muita coisa: doamos mesas, armários e eletrônicos para outras organizações vizinhas.

Passamos a maior parte do ano com uma área de convívio melhor estruturada do que a de trabalho. Pela primeira vez, o nosso ambiente propiciava o ócio - deitar na rede para observar o céu (que parece estar muito mais próximo nesta região do bairro) era mais convidativo do que ficar apertados em um escritório improvisado dentro do contêiner-biblioteca. [...]

A construção de nossa casa transformou-se em nosso grande projeto autoral, que acontecerá enquanto estivermos lá. Os artistas residentes tornaram-se colaboradores do projeto, esticando um varal, pintando paredes, subindo telhado. Um desejo silencioso de conceber desde o fim até o começo. Nosso fazer trouxe reflexões importantes sobre nosso programa de residências que cada vez mais nos ajudam a entender que projetos poderiam se avolumar junto conosco. Que projetos melhor tirariam proveito da gente (eba!) e nós deles (oba!), em uma relação mais equilibrada, com as limitações de cada um. Estamos construindo nossa identidade que marca a forma como nos relacionamos com a arte - nos interessam processos de criação e pesquisas que estejam afinadas aos nossos objetos de investigação e que estejam abertos ao diálogo [...].

Em 2016, na primeira reeleição da diretoria do JA.CA, incorporamos alguns novos associados. Uma delas, a Samantha Moreira, foi uma das descobertas dessas redes já citadas. Ela foi uma das organizadoras, junto a mim e o Rafael RG, de uma exposição de comemoração dos cinco anos do JA.CA, realizada no SESC Palladium, Belo Horizonte. Com eles pude, pela primeira vez, revisitar toda a nossa história. Bem, falando parece mais poético do que o momento foi. A Samantha tinha uma filha de um ano, o Mateus uma filha de quatro meses, e eu ainda me encontrava oficialmente de “licença maternidade” do meu segundo filho, que na abertura da exposição cumpria três meses.

Essa informação é relevante no meu entendimento de **colaboração**, porque são dessas aproximações afetivas que muito da cumplicidade se constrói. O JA.CA passou a ser esse espaço que precisava comportar um monte de crianças, as atividades precisavam acolher esses novos integrantes: esses pequenos seres contaminam muito dos nossos entendimentos do mundo. E agora vejo que foi a chegada deles que nos abriu para novas possibilidades e experimentações pedagógicas para além da arte e educação.

Nos anos seguintes, em 2016 e 2017, realizamos um número de projetos com crianças. Nos interessava pensar espaços, como elas poderiam ser melhor acolhidas em meio às enormes máquinas que transitam no bairro, como elas poderiam se reapropriar das ruas, imaginar com elas uma praça, a escola e o bairro¹².

Desde 2016, o nosso país vive tanta coisa politicamente, desvive, descaminha... De lá para cá todas as políticas públicas de cultura e educação estão sendo redesenhadas, a cultura passa a ocupar o lugar de vilã para os políticos, junto à educação crítica. Preparados para experimentar com outras economias, ou seja, pensar projetos que não dependessem de fomentos públicos, nos encontramos com um outro coletivo editorial, a *Ernesto*, que desejava abrir um espaço. Juntos, desenhamos um projeto de ateliês que recebeu o nome de *Almeida* num edifício de 12 andares localizado no centro da cidade de Belo Horizonte. Esse

¹² Nota da entrevistada:

No projeto *Praça Viva* trabalhamos com as crianças do bairro, nas aulas de matemática: tiramos medidas da praça, trabalhamos com escala, construímos maquetes com outros professores, decidimos plantar árvores na praça, fizemos uma pesquisa com eles para descobrirmos os resíduos, trabalhamos com eles na marcenaria... Juntos decidimos quais brinquedos ocupariam a praça, e também, em paralelo, trabalhávamos com os professores: criamos material didático que falava um pouco dessa ideia de extra-muros da escola e de identidade de ocupação do bairro [...].



FIG. 4: Atividades e ações educativas para o público infantil e jovem na sede atual do JA.CA e no bairro Jardim Canadá. 2016-2019.

Fotografias pertencentes ao arquivo da instituição.

foi um momento bem frustrante, o projeto parecia lindo, mas foi uma péssima experiência colaborativa. Acho que vai virar um estudo de fracasso, pois também nos interessa. Foi ao final do projeto no *Almeida* que fomos comunicados que o Banco do Brasil havia selecionado o projeto proposto por nós para [gerir] o Programa Educativo dos quatro centros culturais, no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Belo Horizonte. Desde então, temos testado vários níveis de processos colaborativos. Com uma equipe formada por 100 pessoas entre as quatro cidades, buscamos manter qualidade de relações de idealização, realização, produção das ações do educativo que tínhamos quando éramos cinco pessoas no Jardim Canadá. Usando várias ferramentas de trabalho remoto, nos deparamos com inúmeras situações deliciosas e muito frustrantes. Percebemos que, nessa escala, desenhar processos bem definidos possibilita desenvolvimento coletivo com colaboradores de diferentes instâncias. Entendemos também a importância de estar juntos e compartilhar momentos de

proximidade, de permanecermos como JA.CA num espaço tão institucionalizado como o Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB. Trouxemos para dentro do CCBB a complexidade das ações que desenvolvíamos e a pluralidade de públicos com os quais trabalhávamos: artistas, estudantes universitários, pesquisadores, estudantes, crianças, agentes de movimentos sociais, professores. Buscamos aproximar aquela arquitetura fria e elitizada das pessoas que entram ali pela primeira vez. Cada centro é coordenado por um artista ou curador¹³.

A estrutura administrativa do JA.CA aumentou muito¹⁴. Ter essa estrutura dilatada e tão afinada possibilitou que neste ano nos dedicássemos a outro projeto em parceria, desta vez, com a Fundação Municipal de Cultura e o Museu da Pampulha, que foi o Bolsa Pampulha. Também foi um processo duro, estar em uma instituição com vários engessamentos burocráticos e políticos.

TOBI: Obrigado. Acho que todos nós ganhamos uma visão e um panorama histórico do JA.CA. Queria parabenizar, pois conheci primeiramente o trabalho através de artistas que passaram por lá, por exemplo, o Vijai Patchineelam, a Fabiana Faleiros, o Rafael RG, e todos que hoje em dia trabalham em diferentes lugares do mundo, e participam em exposições internacionais, e nesse sentido, nessas poucas figuras, também já se vê a energia catalisadora do JA.CA. Nessa trajetória que você desenhou, vemos também muitas das problemáticas do apoio ao panorama cultural no Brasil, e as problemáticas que vem com a Lei Rouanet. Claro,



FIG. 5: Documentação do “Programa CCBB Educativo - Arte & Educação”. Realizado pelo JA.CA desde 2018, o programa desenvolve ações que estimulam a experiência, a criação, a investigação e a reflexão. Trata-se de uma parceria com as unidades dos Centros Culturais Banco do Brasil em diferentes cidades. Fotografias pertencentes ao arquivo da instituição.

+info: <https://www.jaca.center/programa-ccbb-educativo-arte-educacao/>

¹³ Nota da entrevistada:

O Mateus Mesquita é responsável pela sede do CCBB em Belo Horizonte. Nas outras cidades, convidamos colaboradores em projetos anteriores: Yana Tamaio orquestra a equipe de Brasília, Marcio Harum em São Paulo, Pablo Lafuente no Rio de Janeiro.

¹⁴ Nota da entrevistada:

A Samantha Moreira, desde o ano passado, compõe a diretoria formal do JA.CA, sendo eu a Presidenta, ela a vice, o Mateus Mesquita, o tesoureiro. Juntas, somos coordenadoras gerais e artísticas do Programa Educativo, Valquíria Prates é coordenadora pedagógica, Márcio Gabrich, que foi nosso bolsista pela Escola de Arquitetura em 2012, é coordenador junto ao Gabriel da área de Design. A Sara Mattos, também bolsista do mesmo programa em 2013, é coordenadora de comunicação. Daniel Toledo, associado do JA.CA e colaborador em todas as publicações feitas, é coordenador editorial.

com o novo governo e desde o golpe, tudo isso tem sido muito pior. Agora eu queria entender um pouco melhor como vocês conseguiram manter essa programação independente enquanto prestavam serviços a entidades como o Museu da Pampulha, o Centro Cultural do Banco Brasil - CCBB, e que de certa forma terceirizaram o trabalho de mediação a várias outras entidades. Você poderia falar um pouco sobre essa problemática, pois essas instituições também não estão desconectadas da esfera política, certo?

FRANCISCA: Antes de responder, eu vou ler a frase do novo secretário da cultura que relaciona-se a essa questão. Em janeiro, o Ministério da Cultura foi extinto e passou a ser uma Secretaria do Ministério da Cidadania. Há duas semanas atrás, ele foi transferido para o Ministério do Turismo, e isso tem muito a ver com a fala anterior e as conversas que surgiram no último painel¹⁵. O nosso secretário da cultura¹⁶ falou hoje em uma conferência da UNESCO que a arte brasileira servia a “um projeto absolutista”. Anunciou uma “nova geração de artistas”, garantiu que “beleza” voltará com o novo governo, clamou “Glória a Deus”¹⁷ e terminou o discurso. Esse é o contexto de agora! Nós não temos nenhuma segurança de que os projetos continuarão existindo. O próprio CCBB não tem a segurança se ele mesmo vai existir, porque outras [instituições] estatais de políticas culturais foram completamente cortadas e sem muitas explicações. [É verdade que em princípio haverá interesse em manter o] CCBB, pois ele é entendido como uma potência de marketing para o Banco do Brasil. Ele concorre com outros bancos que mantêm centros culturais, como por exemplo o Banco Itaú, o Bradesco ou o Santander. [Mas o fato é que] o CCBB terceiriza tudo. Cada centro tem em média onze bancários, que são pessoas concursadas, na administração. Então, todas as exposições, todos os teatros, todos as peças, todos os cinemas, todas as mostras são escolhidas através de um processo de edital público, e o educativo entra como um projeto patrocinado como qualquer outro. É uma relação complicada porque parece uma terceirização, mas ao mesmo tempo não é uma “terceirização clássica”, na medida em que respondemos ao MinC¹⁸. [É complexo], pois estamos dentro do CCBB, então

respondemos a mais pessoas do que deveríamos responder como projeto patrocinado. De toda forma, temos conseguido fazer muita coisa. O projeto tem um site próprio que é o www.ccbbeducativo.com e documenta todas as ações. Tem relatos dos educadores, muitas aulas são gravadas em vídeo; tem muito material ali e coisa potente que vem dessa rede que construímos durante dez anos. Entendemos a importância política que é o empregar cem pessoas com qualidade de trabalho nesse momento atual do Brasil. Isso é uma das coisas que nos mantém funcionando e que dá fôlego, porque é um projeto muito intenso de manter. E o JA.CA vai ficando em segunda instância no Jardim Canadá, porque o cotidiano não permite. Após um ano sem residência, finalmente conseguimos realizar uma.

TOBI: Mas não há a interferência na sua programação através dos bancários do CCBB? Também estamos cientes de que estamos, no contexto dessa conferência hoje, em uma instituição análoga ao CCBB, que é a própria Culturgest, aqui em Lisboa.

FRANCISCA: No primeiro ano fizemos coisas bem diferentes do que no ano passado... não vem ainda em forma de imposição do banco. Entendemos que pode vir a existir imposições e que também nós podemos entender que não podemos mais ocupar aquele lugar, ou seja, que pode haver em algum momento uma limitação de negociação que já não nos permite realizar um projeto satisfatório. Mas temos uma linha de frente, que é quem atende o público, que é formada por muitos estagiários e educadores que às vezes não têm a experiência para lidar com um cotidiano de trabalho tenso, que aos poucos foi se armando no Brasil. Com episódios de confronto, fomos criando estratégias mais silenciosas para que essas pessoas não ficassem tão expostas com o que foi se desenhando. Por exemplo, exposições como a do Paul Klee trazem um público muito elitizado pra dentro do CCBB.

¹⁵ Nota da editora:

Refere-se ao painel “Tensões e disputas nas estruturas de produção e criação cultural” no âmbito da Conferência Internacional Campos de Colaboração.

¹⁶ Nota da editora:

Refere-se ao ex-secretário da cultura Roberto Alvim, integrante da gestão do presidente Jair Bolsonaro, e que, em janeiro de 2020, foi demitido depois de publicar um discurso com frases semelhantes às do ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels. Alvim permaneceu no cargo entre 7 de novembro de 2019 e 17 de janeiro de 2020.

¹⁷ Nota da editora:

Frases proferidas por Roberto Alvim, então secretário da cultura, no dia 19 de novembro de 2019 em uma reunião anual da UNESCO em Paris.

¹⁸ Nota da editora:

Ministério da Cultura do governo brasileiro extinto em 2 de janeiro de 2019. Atualmente é uma Secretaria.

Quando tem criança dentro da sala, por exemplo, e alguém do público reage “que absurdo! Crianças fazendo ruídos no museu”... como agir? Então esse ano tivemos muito desses pequenos confrontos. Portanto, passamos muito tempo em um trabalho de acolhimento da equipe e de entender como vamos ter força para estar num lugar que é de encontros cotidianos que podem ser bem complicados.

TOBI: De certa forma, o campo de colaboração [nesse caso], que é o título de projeto no qual estamos inseridos, se desdobra mais em uma colaboração com um banco do que com instituições, ou moradores na vizinhança do JA.CA. Eu sei que essa análise é provocadora, mas ela vem da leitura dos projetos apresentados aqui. Vocês sempre trabalharam com a vizinhança, e agora saíram do próprio JA.CA para estar em outro lugar.

FRANCISCA: Sim, entretanto me parece uma experiência mais verdadeira do que o que ocorreu no Museu da Pampulha, no sentido que conseguimos ainda acessar uma vizinhança através do CCBB. O que interessa é entender cada centro e o contexto deles. Então nos relacionamos com as escolas, com as associações de moradores. Tem muito trabalho desse “extramuros do CCBB”. É claro que é um momento de muita novidade institucional para nós, mas existe muita semelhança com as práticas de antes, e são essas práticas que menos interessam ao banco, na verdade - elas quase não aparecem nos relatórios e não são quantificadas. Por exemplo, temos ônibus para poder trazer escolas e entidades públicas que estão muito longe do CCBB, estamos entendendo o que é que vem com um equipamento do [serviço] educativo do CCBB e se debruçando nessas construções de parcerias que são menos próximas. Não são mais as pessoas que nós atravessamos a rua e elas já estão ali. Agora, elas estão do outro lado da cidade. Então temos de aproveitar a potência dessa circulação, que cada vez está mais complexa no Brasil [e que é oferecida devido à estrutura financeira e institucional do CCBB].

MAURA: Mais uma vez agradeço pelo precioso relato. Em mais de um momento em sua fala, você enfatiza a ideia de *rede*. Dessa forma, parece difícil não relacionar a ideia de colaboração, que envolve os mais de dez anos de projeto, com a ideia de comunidade. Ao mesmo tempo, parece-nos que há distintas comunidades que circulam pela instituição. Você poderia comentar um pouco em que medida o JA.CA é um espaço de criação de comunidade, e em que medida isto difere-se ou está intrínseco à ideia de colaboração?



FRANCISCA: É bem bonito pensar em um espaço para criar comunidade, sempre falamos das comunidades como externas ao espaço, as quais acessamos em processos. Mas, talvez, depois de dez anos possamos pensar em comunidades formadas a partir dos processos colaborativos. Será que formar comunidades é o desejo maior de um processo colaborativo? Entendemos que nem sempre esse objetivo é alcançado; o projeto é executado sem o estabelecimento de laços entre os

FIG. 5: O projeto “Praça Viva” propõe uma intervenção e ocupação de uma área pública destinada a ser praça e ainda não construída. 2016
Fotografias pertencentes ao arquivo da instituição.
+info: <https://www.jaca.center/praca-viva/>

participantes e, terminado o projeto, o grupo não segue em proximidade.

Vemo-nos muitas vezes como articuladores de comunidades, uma vez que, em processos distintos, a noção de comunidade se formou, ou se reforçou no processo, de modo que quando o nosso tempo de trabalho no processo termina, as articulações seguem sem nenhuma energia nossa.

Volto ainda a essa questão... Talvez eu tenha me apegado a uma visão pequena de comunidade, quase familiar, territorial, os vizinhos, os amigos, um grupo mais harmonioso. Mas distante dessa visão mais consonante, agora veio a potência de se almejar pequenas reverberações numa comunidade mais ampla, dissonante e maior. Isso me remete ao que me trouxe de volta a Belo Horizonte, ter vivido um momento pouco acolhedor das artes durante a universidade e pensar como poderia retornar com um pequeno projeto laboratorial que propusesse outras formas de pensar a arte e a relação com a cidade.

MAURA: Retomemos um ponto que infelizmente não foi possível ser desenvolvido, a respeito da ideia de *fracasso*. Você poderia aproveitar a ocasião para elaborar quais os fatores mais críticos às estratégias de colaboração? Em sua fala, você apontou duas situações distintas onde o projeto desenvolveu problemas, um em uma esfera mais institucional e outro em um âmbito mais independente.

FRANCISCA: Fiquei pensando muito sobre essa pergunta. Sim! Foram muitos pequenos “fracassos” que permitiram reavaliações, outras posturas e talvez um posterior “sucesso”, ou seja, vários projetos têm momentos de fracasso, mas a liberdade de reconstruir nos deu margem para transformar estes fracassos em processo. Mas há os projetos que sim, foram bem fracassados, do ponto de vista de gerarem uma frustração da qual não conseguimos desvencilhar, e de que não conseguimos realinhar, apesar de todas as tentativas.

O projeto que eu mencionei, que para nós foi um grande fracasso, resultou numa fortalecida comunidade de artistas, que desde então se apoia e colabora em diversas escalas, então talvez não tenha sido um total fracasso [risos]. O projeto

de que falo é o *Almeida*, um prédio abandonado no Centro da cidade que foi reformado para ser ocupado por artistas. Era um projeto de ocupação do prédio muito ambicioso e o JA.CA participava de uma primeira etapa, com essa ocupação dos ateliês por artistas nos três primeiros andares. A ideia era que este grupo de artistas ocupasse por seis meses os ateliês. Havia muita novidade pra nós nesse processo, já era 2017, pós-golpe e o desmonte das políticas culturais no Brasil seguia velozmente. Portanto, pela primeira vez, cobraríamos por algo: uma taxa pela participação. Seria 300 reais por uma sala de ateliê. Todas as atividades anteriores do JA.CA eram gratuitas, ao menos para os artistas.

No início, não havia muitas pessoas que se interessaram e não pudemos fazer uma seleção cuidadosa - sempre prezamos muito pela construção do grupo, e gastamos muito tempo pensando em como o grupo pode se complementar. Já que o convívio nem sempre é fácil, buscamos que ele seja construtivo, e que cada pessoa possa trazer contribuições distintas ao coletivo. Não pudemos desta vez. [No início não houve concorrência], o número de inscritos [era igual] ao número de salas. Após as salas serem ocupadas, logo no primeiro evento público, vários outros artistas quiseram também estar ali. Ampliamos um pouco o número de ateliês, mas o entendimento do grupo era de uma ocupação permanente, no qual os mesmos artistas se beneficiariam do projeto. Enfim, para nós foi uma grande tristeza, porque parecia uma loucura tanto investimento e trabalho para beneficiar apenas 20 artistas de forma constante. Sempre foi o nosso desejo reverberar o máximo possível, muitas vezes, numa inversão de lógica, tentando que mais gente pudesse usufruir das coisas. E participar da construção de uma comunidade que não se ampliava nos pareceu errado numa cidade onde tão poucos artistas conseguem manter um ateliê funcionando. Nesse momento, a força dessa comunidade formada foi muito maior que a do JA.CA, e não vimos outra saída para além da nossa retirada do projeto, que logo depois também se desfez por completo, porque os interesses eram individuais e não comunitários, voltando a pergunta [anterior].

MAURA: Gostaria também que você retomasse alguns pontos de relevância ao corpo de gestão do JA.CA, por exemplo, quando você cita a questão do acolhimento a um outro público, a questão da maternidade e as suas parcerias. Você poderia desenvolver um pouco como essas questões, assim como outras vinculadas ao feminismo e a sororidade, estão presentes no cotidiano colaborativo do trabalho que vocês articulam, tanto no Jardim Canadá, como nas instituições de ampla estrutura?

FRANCISCA: Acho que um pouco da outra pergunta [sobre comunidade] se estende por aqui. É importante dizer que o JA.CA nunca foi um lugar exclusivamente coordenado por mulheres, nem em sua fundação, nem nas gestões posteriores. Existe a minha figura contínua e outras forças que se juntam, mas a energia de trabalho e acolhimento, por ser um espaço quase doméstico, que demanda cuidados cotidianos e que recebe pessoas, talvez emane essa energia anfitriã e materna.

Todavia, para nós sempre foi uma questão muito importante a representatividade de gênero. Muito cedo, nos processos de seleção, observamos uma discrepância nas inscrições femininas e masculinas. Nunca conseguimos nos debruçar sobre isso, a não ser buscando sempre pela representatividade. Há uma vontade de pensar um projeto exclusivamente para artistas mulheres, para artistas mães, mas ele nunca veio a se materializar, foram muitos “quases”... Mas acho que a nossa forma de fazer tudo isso misturado, e de sempre ter crianças em espaços de adulto, cria uma transparência da vida profissional e pessoal que nem sempre é praticada. Foram muitas exposições montadas com neném no carrinho, muitas reuniões com bebê mamando, e quase sempre seminários e palestras com crianças correndo. Elas estão lá, e elas aprendem a conviver nesses espaços pouco lúdicos e tudo segue bem.

Neste último projeto externo de residência, em parceria com o Museu da Pampulha, propusemos um processo em que todos os profissionais convidados ao processo fossem mulheres, a comissão de seleção, as curadoras que fariam acompanhamento, as artistas convidadas, a estagiária que documentava, a produtora, enfim, todas as funções que não

eram realizadas pelo JA.CA, foram convidadas mulheres. O resultado disso foi um grupo tão diverso de artistas, que para eles não parecia ser relevante o fato de estarem cercados exclusivamente por mulheres, outras representatividades começaram a ser demandadas, enfim, seguimos tentando criar comunidades onde mais pessoas se sintam acolhidas. Dessa forma, estamos sempre atentas a acolher públicos distintos, e, principalmente, a criar espaços e processos formativos que possibilitem acolher corpos que antes não ocupavam os lugares das artes.

Esta atenção existe nos projetos no JA.CA e dentro das outras instituições, na equipe formada para os Centro Cultural Banco do Brasil, enfim, temos tido anos de intenso aprendizado, mas entendo que a abertura para se reformular e para acolher com mais naturalidades estas questões é feminina.

TOBI: Eu gostaria de agradecer à Francisca pela apresentação e parabenizar pelo trabalho no JA.CA! Espero que o JA.CA tenha muitos anos ainda e que tenhamos outras possibilidades de intercâmbio e colaboração.

MAURA: Obrigada ao Tobi, obrigada à Francisca!

FRANCISCA: Obrigada. Normalmente, disponibilizo o meu email, se alguém quiser escrever: francisca@jaca.center / info@jaca.center. Obrigada a todos!

PARTICIPANTES

FRANCISCA CAPORALI, fundadora e coordenadora artística do coletivo JA.CA, apresenta uma leitura dos dez anos do projeto, partindo da construção da sua sede própria em terreno não próprio. Um projeto que resulta de experimentações em dois eixos: 1) Atividade de Formação e Educação em Artes - Realização de projetos envolvendo a estadia de artistas e investigadores no JA.CA, assim como encontros e colaborações com artistas e estudantes e a comunidade envolvente; 2) Reinvenções para existência - estratégias de gestão - Projetos de fomento e debate crítico sobre políticas públicas para a continuidade de iniciativas artísticas independentes, que envolvem tanto a investigação de técnicas de reaproveitamento de materiais e processos construtivos, quanto o fortalecimento de redes com outros espaços autônomos.

O JA.CA - CENTRO DE ARTE E TECNOLOGIA realiza pesquisas, projetos e experimentações artísticas no seu espaço, no Jardim Canadá, bairro de Nova Lima, na Região Metropolitana de Belo Horizonte e noutras localidades e instituições parceiras. A iniciativa começou em 2010 com um projeto de residências artísticas internacionais, tendo sido consolidada e constituída formalmente como associação civil sem fins lucrativos, com objetivos de promoção e disseminação da cultura e da arte, em 2013. Atualmente, além de se dedicar às dinâmicas do Jardim Canadá, o JA.CA realiza o Programa Educativo das quatro sedes do Centro Cultural Banco do Brasil e o Bolsa Pampulha, em parceria com a Fundação Municipal de Cultura e o Museu da Pampulha.

TOBI MAIER (1976) é crítico de arte, curador e docente. Foi curador no Frankfurter Kunstverein (2006-2008) e no MINI / Goethe-Institut Curatorial Residencies Ludlow 38, em Nova Iorque (2008-2011). Foi curador associado da 30a Bienal de São Paulo (2011-2012). É mestre em Estudos Curatoriais pelo Royal College of Art (Londres) e doutor em Poéticas Visuais (ECA-USP). Colabora com várias revistas de arte contemporânea. É co-fundador do espaço expositivo SOLO SHOWS em São Paulo (2015-2018). Desde março de 2019 é Director das Galerias Municipais de Lisboa, Portugal.

MAURA GRIMALDI é artista e vive entre Lisboa (Portugal) e São Paulo (Brasil). Completou os seus estudos de licenciatura e mestrado na Universidade de São Paulo, no Brasil. A sua primeira exposição individual, intitulada "Esquinas", decorreu no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo - MAC/USP. Em 2018, a Galeria Virgílio, também em São Paulo, realizou a sua exposição individual "The work appearing in your memory is not mine". Participou em várias exposições coletivas no Brasil, em Portugal, e noutros países, inclusive no EAC - Espacio de Arte Contemporáneo, Montevideo - no Uruguai, em 2017 com "Periscópio". No mesmo ano, foi artista residente no Hangar, em Lisboa. Actualmente, está a desenvolver o seu projeto de doutoramento na Universidade Nova de Lisboa com mobilidade na Freie Universität Berlin, Alemanha e na Universidade de São Paulo, Brasil.